

A PROMESSA DA DEMOCRATIZAÇÃO PELA INTERNET E OS FUROS DA REALIDADE NO VIRTUAL: COMO O ARQUIVO RADICALIZA

Laura Jorge Nogueira Cavalcanti¹

INTRODUÇÃO

O advento da internet produz profundas alterações nos modos de nos relacionarmos, de nos comunicarmos e de interagirmos. No que tange o discurso e as maneiras de funcionar do discurso na sociedade, é inegável que a internet se coloca como um acontecimento, conforme Gallo (2011), na medida em que apresenta novas maneiras de interação, de interlocução, novas materialidades discursivas etc. Com isso em mente, e partindo do pressuposto de que há uma relação constitutiva entre discurso e sociedade, buscamos analisar como esta relação está organizada no caso específico da atuação via Facebook de um movimento social – Movimento #OcupeEstelita – que busca causar impactos concretos no espaço urbano da cidade do Recife. Em outras palavras, como a atuação no espaço virtual promove a causa do Movimento e, ao mesmo tempo, configura o próprio Movimento, já que “se a internet se ajusta às características do tipo de movimento social, o inverso também acontece: os movimentos sociais se ajustam a essa nova realidade” (MITTMANN, 2009, p. 3).

O #OcupeEstelita surgiu a partir da disputa de poder sobre o espaço do Cais José Estelita, em Recife (PE), mobilizando a sociedade em torno da questão. Ele atua no ambiente do Facebook, bem como com ações no espaço do cais e em outras localidades. Usa o Facebook para mobilizar a sociedade e para divulgar informações que os administradores, membros do #OcupeEstelita, julguem pertinentes e como refletindo o posicionamento do grupo. Tendo em vista o impacto do Movimento na vida dos Recifenses, neste estudo, exploramos as seguintes

¹ Doutoranda/UFPE.

questões: Como as especificidades do espaço virtual afetam o funcionamento discursivo nesta página? Até que ponto relações de poder são mantidas ou subvertidas? O espaço virtual de fato promove a democratização? Qual o papel do arquivo nessa dinâmica?

ESPAÇO VIRTUAL, ESPAÇO URBANO E DISCURSIVIDADES EMERGENTES: O #OCUPEESTELITA NO FACEBOOK E O SONHO DA DEMOCRATIZAÇÃO

A noção de espaço virtual pode ser pensada a partir de diferentes perspectivas. Enquanto no senso comum o virtual se opõe ao real, na perspectiva de Lévy (1996; 1999), e adotada por nós, o virtual pode ser pensado como sendo real, no sentido de que existe, ainda que num estado diferente, latente, do empírico. Neste sentido, podemos pensar também a relação entre a atuação dos movimentos sociais no mundo virtual e suas ações no campo empírico urbano onde normalmente promovem passeatas, bloqueios etc. O movimento organizado e pensado virtualmente realiza-se e atualiza-se no empírico, no espaço público em disputa nos diferentes eventos promovidos pelo grupo. Pode-se dizer que o virtual figura, nesse contexto, como um estágio na transformação do imaginário em prática; um lugar de (re)organização do discurso e das ações do movimento no seu caminho para a realização de sua visão.

A própria noção de espaço se mostra central para esta articulação entre virtual e empírico. Grigoletto (2011, p. 51) postula a consideração do espaço virtual como um “entremeio do empírico e do discursivo”, constituído por e constitutivo de ambos, o que nos possibilita explorá-lo como lugar de condições de produção específicas. O espaço virtual deixa de ser visto como simples suporte para a circulação de discursos e passa a ser considerado como lugar de ação de diferentes forças (ideológicas, tecnológicas, sociais etc.) sobre os discursos que por ele perambulam. Conforme Grigoletto (2011, p. 50): a passagem dos discursos pelo espaço virtual “não se dá sem determinação dos lugares, das relações de poder sócio-historicamente constituídas e sedimentadas.” Isto por que o espaço virtual em si é produto cultural, ainda que não acabado, de um momento histórico específico (SILVA SOBRINHO, 2011; MITMANN 2013). A atuação do movimento social no

Facebook, portanto, não ocorre de forma imune ao próprio espaço virtual, já que a página de Facebook se mostra como “um espaço de discursividade com características próprias, com especificidades que não estão presentes em práticas discursivas que acontecem fora da rede” (GRIGOLETTO, 2011, p. 52). Assim, produzem-se postagens configuradas de acordo com as condições de produção deste espaço: em geral, curtas, visualmente telegráficas, polêmicas, imediatas, passíveis e estimulantes ao compartilhamento, sensacionalistas e permeadas por *hiperlinks* e *hashtags*². Da mesma forma, o Movimento é compelido a compartilhar, a postar, a estar sempre ativo e ativando outros para manter-se vivo neste espaço virtual, principalmente em momentos quando não há ações prementes sendo realizadas pelo próprio #OcupeEstelita.

A voz do Movimento se faz ouvir no espaço virtual, e faz acontecer no espaço empírico. O discurso do #OcupeEstelita, contudo, talvez não se realize de maneira plena em um, nem em outro. Em sua página, na descrição sobre o Movimento, lê-se:

Desejamos uma cidade mais inclusiva, que respeite pedestres, ciclistas, usuáři@s de transporte público, ambulantes, pessoas sem-teto, quem sofreu remoção pela Copa 2014, morador@s de áreas de baixa renda, homens, mulheres, crianças, adolescentes, as minorias LGBT e outras minorias estigmatizadas na sociedade.³

Porém, a página virtual não é “inclusiva”. A maior parte das postagens da página, por exemplo, não dá voz aos “ambulantes, pessoas sem-teto, quem sofreu remoção pela Copa 2014” diretamente. Até por que, para figurar neste espaço, faz-se necessário uma série de coisas: acesso à internet, um equipamento eletrônico, dentre outros elementos de natureza capital tanto no sentido econômico, como no sentido postulado por Bourdieu (1989): capital social e cultural. Quase sempre, portanto, esses sujeitos (que sofrem diretamente os efeitos da questão no espaço empírico) figuram no espaço virtual como vozes aludidas, referidas, “emprestadas”, ou seja, compõem, também na página do #OcupeEstelita, o grupo dos excluídos, à

² *Hashtags*, como, por exemplo, “#OcupeEstelita”, são um tipo de hiperlink desenvolvido com o advento do Twitter (e mais tarde incorporados ao Facebook, Instagram e outras redes sociais virtuais), com o propósito de identificar, categorizar, indexar ou marcar uma postagem ou publicação em associação a um tema (neste caso, ao movimento social).

³ https://www.facebook.com/MovimentoOcupeEstelita/info?tab=page_info

margem da sociedade configurada no espaço virtual. Ressaltamos que, dos 19 vídeos compilados na página do Movimento, apenas 01 é protagonizado por um morador da área. Além disso, dentre as centenas de postagens, não identificamos nenhuma de autoria de moradores das áreas circundantes ao Cais.

Entre o empírico das passeatas e o discursivo das tomadas de posições, está a página do Facebook, espaço virtual que reúne essas tensões e inaugura uma nova forma de discursivizar o ativismo social – compartilhando, postando, mas também silenciando e interditando já que não é totalmente livre dos constrangimentos da história e das estruturas ideológicas dominantes. Lembramos, com Mittmann (2013, p. 234) que:

[...] a internet, embora tenha se apresentado como um acontecimento que pode levar à abertura ao diferente, também pode ser utilizada para a repetição, sem deslocamentos, dos discursos mais conservadores de nossa sociedade – até porque foi na perspectiva capitalista e imperialista que a internet se desenvolveu.

Isso nos leva a repensar a amplamente divulgada “democratização” atribuída ao advento da internet, já que agora vemos que o espaço virtual, como produto de uma conjuntura sócio-histórica e cultural específica, também reflete o funcionamento ideológico na sociedade como um todo, “a luta de classes [...] a partir dos embates entre a formação ideológica do social e a formação ideológica do capital” (MITTMANN, 2013, p. 234). A isso acrescentaríamos o postulado de uma formação discursiva tecnológica, que produz um efeito de equivalência através do pretensão acesso democrático a meios de produção e disseminação de discursos e informação. Contudo, muitas vezes, esta promessa não se realiza dadas as restrições materiais apagadas pela evidência ideológica do capital da tecnologia. Consideramos que o espaço virtual, portanto, não pode ser tomado como espaço totalmente livre de restrições e interdições em que tudo e todos podem dizer e fazer.

Retomando o conceito de democracia de forma mais próxima ao senso comum, nos deparamos com o sentido de “acesso a”, com o qual o Movimento se identifica ao propor dar acesso a informações sobre os processos envolvendo a compra/venda do local, a construção do empreendimento, a mobilização etc. Assim, a página é utilizada para a divulgação de notas, denúncias, notícias não divulgadas

em outros meios, reportagens e estudos sobre planejamento urbano etc. e posiciona-se como meio alternativo de divulgação de informações sobre o conflito em torno do Cais, muitas vezes contestando informações divulgadas em veículos jornalísticos hegemônicos do Recife.

Contudo, questionamos se o postulado do acesso democrático à informação não adere acriticamente à FD da sociedade da informação, herdeira da formação discursiva tecnológica, conforme nos alerta Silva Sobrinho (2011, p. 23): “parece ser essa a formulação metafórica dominante e nomeadora do tipo de sociedade em que vivemos, pois não é difícil nos depararmos com um discurso que afirma que todos nós vivemos em uma ‘sociedade de informação’”. A aquiescência acrítica a este modelo de sociedade, ainda que em prol de causas nobres, demonstra um furo do real no imaginário democrático do Movimento, ao se verificar o funcionamento de uma formação discursiva hegemônica, ainda que heterogênea, da era da informática, “impedindo-nos de tomar posição pelo questionamento e pela postura crítica diante dessa sociedade de ‘informação’” (SILVA SOBRINHO, 2011, p. 23). Ainda conforme Mittmann (2009, p. 01): “o ciberespaço se oferece aos Movimentos Sociais como mais um lugar de manifestação daquilo que é silenciado na grande mídia. Porém, essa oferta tem também suas exigências.” A promessa da democratização, como fabricada na página do Movimento, apoiada no sentido amplo do senso comum do acesso à produção e circulação de informação, talvez não passe de uma miragem de democratização, já que há também neste espaço virtual, práticas de interdição e de silenciamento de vozes, inevitáveis à própria condição dos sujeitos ideologicamente interpelado.

A ORGANIZAÇÃO NO FLUXO CONTÍNUO: COMO O ARQUIVO ATUA ENTRE O VIRTUAL E O “REAL”

A noção de arquivo, percebida como elemento importante para fazer sentido da profusão de discursos que circulam sobre diferentes temas, nos ajuda a entender o processo de interdição aludido acima. Pêcheux (2010, p. 51) define arquivo como “campo de documentos pertinentes e disponíveis sobre uma questão”, ao mesmo tempo em que aponta para a importância “do *gesto de leitura* subjacente, na

construção do arquivo” (PÊCHEUX, 2010, p. 51). Debruçamo-nos sobre estes gestos de leitura para ampliar a noção de arquivo, articulando-a com a visão de Foucault que define arquivo como “a lei do que pode ser dito, o *sistema* que rege o aparecimento dos enunciados como acontecimentos singulares” (FOUCAULT, 1987, p. 149-150, grifos nossos). Visto como sistema, postulamos o arquivo como o próprio gesto de leitura que o constitui, como algo da ordem da ação, bem como da atividade, do processo e do produto, da estruturação e da estrutura. A organização discursiva-virtual do #OcupeEstelita seria em si um gesto de leitura ideologicamente clivado, um arquivo que permite certos enunciados e interdita outros.

Voltamo-nos aos vídeos postados pelo Movimento, já que, como notado anteriormente, nesse aspecto, fica evidente um movimento de interdição. Além dos vídeos fixos da página, notamos a postagem de um vídeo como uma ocorrência no fluxo da mesma, conforme Figura 1.



Figura 1. Postagem que apresenta o vídeo “Audiência Pública?”⁴

Neste vídeo/documentário produzido pelo Movimento a respeito de uma audiência promovida pela Prefeitura do Recife em torno da questão, notamos um trabalho de edição e montagem que expõe um viés particular em lugar de dar voz a “todas as partes para que o leitor ou telespectador tire suas próprias conclusões”, como diz a legenda da postagem em que o vídeo é divulgado. De fato, a voz de alguns, inclusive da comunidade diretamente afetada pela questão, é interdita de

⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HfOzcjSETYs>

modo que o vídeo reflita e corrobore o posicionamento do Movimento. O que nos leva a refletir, portanto, sobre a atuação do #OcupeEstelita no espaço virtual, lembrando com Mittmann (2009, p. 5, grifo nosso) que “a entrada dos movimentos sociais nessa rede [...] *precisa ser apresentada como democrática*, possibilitando dar voz a todos os que compartilham dessa resistência. [...] delimitam-se aí os lugares ocupados, as identificações possíveis.”

Vemos que o arquivo sobre o Movimento atua para permitir este tipo de postagem, e para interditar outras, por exemplo, em que outros sujeitos são os protagonistas. A ação do arquivo sobre o #OcupeEstelita, no espaço virtual de entremeio entre o discursivo e o empírico, radicaliza em direção a um viés. No fluxo abundante e contínuo do *Facebook*, o arquivo atua entre o virtual e o “real”, para delimitar, contornar, criar uma identidade em meio a tantas *faces*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O espaço virtual, este mundo vasto e ainda misterioso, se apresenta como elemento em relação constitutiva com o mundo empírico, dialeticamente organizando as relações de poder nos dois ambientes. Em meio à infinidade incomensurável da *web*, o *Facebook* proporciona uma oportunidade de organização do todo interdiscursivo a respeito de um tema – neste caso, o Movimento #OcupeEstelita. O arquivo atua, neste momento, como um gesto de aparelhamento de formações discursivas e dos processos de (des)identificação com estas FDs, dadas as condições de produção da página do Movimento na rede social. Verificamos, portanto, que há na página virtual o funcionamento do que Mittmann denomina *ciberativismo*:

com um click (com ou sem a digitação de algumas palavras), o internauta assume o lugar de agente político. Porém, como esse sujeito não deixa o lugar de internauta, e o seu gesto de clicar ou postar é próprio do discurso das TIC, novamente esse discurso se sobrepõe ao de mobilização política. (MITTMANN, 2009, p. 4).

De modo que, mesmo adscrito ao imaginário da atuação democrática, o Movimento ainda é interpelado pela ideologia do capital, identificando-se com uma

formação discursiva tecnológica, tanto no sentido do imperativo de inscrição neste espaço virtual, como no sentido da radicalização pela exclusão – é preciso interditar vozes para se fazer ouvir. O mundo virtual organiza e é organizado, produz e reproduz relações de poder, inscrito nas tensões do mundo “real”.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, P. *O Poder simbólico*. Tradução: Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand, 1989.

FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. 3 ed. Tradução: Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Editora Forense-Universitária, 1987.

GALLO, S. M. L. A internet como acontecimento. In: INDURSKY, F.; MITTMANN, S.; LEANDRO-FERREIRA, M.C. (Orgs.) *Memória e história na/da Análise do Discurso*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011, p. 255 – 270.

GRIGOLETTO, E. O discurso dos ambientes virtuais de aprendizagem: entre a interação e a interlocução. In: GRIGOLETTO, E; DE NARDI, F. S.; SCHONS, C.R. (Orgs.) *Discursos em rede: práticas de (re)produção, movimentos de resistência e constituição de subjetividades no ciberespaço*. Recife: Ed. da UFPE, 2011, p. 47 – 78.

LÉVY, P. *O que é virtual?* São Paulo: Editora 34, 1996.

_____. *Cibercultura* São Paulo: Editora 34, 1999.

MITTMANN, S. A apropriação do ciberespaço pelos movimentos sociais. In: *Anais III Encontro Nacional sobre Hipertexto*. Belo Horizonte (MG), 2009. Disponível em: <http://nehte.com.br/hipertexto2009/anais/a/a-apropriacao-do-ciberespaco.pdf>

_____. O conservadorismo em comentários na rede: identidade, alteridade e contradição. In: INDURSKY, F.; LEANDRO-FERREIRA, M.C.; MITTMANN, S. (Orgs.) *O acontecimento do discurso no Brasil*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2013, p. 233 – 262.

PÊCHEUX, M. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, Eni (org.) *Gestos de Leitura: da história no discurso*. 3ª ed., Campinas, SP: Ed. Da Unicamp, 2010, p. 49-59.

SILVA SOBRINHO, H.F. da. Redes de sentidos e raciocínios antagonistas: a internet na interface do discurso. In: GRIGOLETTO, E; DE NARDI, F. S.; SCHONS, C.R. (Orgs.) *Discursos em rede: práticas de (re)produção, movimentos de resistência e constituição de subjetividades no ciberespaço*. Recife: Ed. da UFPE, 2011, p. 19 – 46.